

Em Julho, é um Jardim

Os "Jardins Elémoros", que durante uma semana vão transformar o centro de Visu, chegaram este ano à Rua Direita. E vão transformar em galerias de arte lojas que se mantêm iguais há décadas.

ALEXANDRA NORONHA *reportagem especial*

É na sinuosa Rua Direita, em Visu, que o bailarino romeno Romulus Neagu, com a roupa pintalagada de tinta, vai transformando uma loja abandonada num espaço acolhedor, uma espécie de casa, a preto e branco, com mesas, cadeiras e malas de viagem espalhadas por dois pisos. O "lugar" que fala um português quase perfeito, ainda que com pronúncia vivida há vários anos na cidade, é casado com uma viveiro e tem como parceiro neste projeto o artista plástico João Dias. Entre 22 e 28 de julho irá atuar naquele espaço, numa zona da cidade nem sempre valorizada pelos habitantes de Visu. O bailarino e coreógrafo é apenas um entre vários artistas, que estão a trabalhar para transformar as lojas em arte, com recursos aos produtos que os próprios vendem todos os dias.

Sandra Oliveira é mentora e organizadora dos "Jardins Elémoros", que tem este ano como novidade precisamente a intervenção nas lojas da Rua Direita. "É uma zona esquecida da cidade também" diz a empreiteira, dona da "Cul de Sac", que há dois anos criou o conceito e resolveu transformar a praça D. Duarte, no coração de Visu, num jardim gigante, com 150 toneladas de plantas. "Estamos a falar de um projecto que tem que ficar da praça com outro aspecto, no fundo, uma instalação de planta com verde", diz Sandra Oliveira. Para a Rua Direita, foram escolhidas 15 lojas que a "arquitecta-artista" Joana Antão está a dar nova vida. "Na maior parte dos casos, criamos instalações com um dos produtos das lojas e vamos também trabalhar a imagem geral. Fazemos etiquetas, um novo logótipo e outros elementos, como bolões e saquinhos".

Este tipo de desafio é a especialidade de Joana Antão. "Recabei um telefonema da Sandra. Explicou-me o projecto e lá está a minha cara. Sou muito chamada para resolver espaços. Mas há também uma etimologia de um grande desafio. É ao maior obstáculo nem sequer é a falta de meios. São os recursos".

Joana Antão conta que o projecto tem a participação de "20 anos de arquitectura", mas que a verdadeira história é a "das lojas que só por si só é interessante. Isto é uma loja locuaz. Em alguns casos, do seu um comércio muito feio. Mas 90% das vezes houve uma resistência enorme ao projecto. Por outro lado é que empieço, o convencer a loja e isto é o princípio de uma nova Rua Direita".

"15 MIN-GALERIAS DE ARTE"

No paradeiro da drogaria há uma explosão de azul que percorre as paredes, atém-chama-se "Além" e é um vestígio do "Jardim" do ano passado. Está intacta, sem vestígios de vandalismo, mostra Sandra Oliveira, com orgulho. Joana Antão espera que a década de 2013 tenha um impacto ainda maior, sobretudo na Rua Direita. "O que vai acontecer são 15 mini galerias de arte. Não é uma praça mais sim. Tem que ter im-

Fernando Nobre, Sandra Oliveira e Joana Antão na Rua Direita, a intervenção não foi fácil, mas a organização dos "Jardins Elémoros" conseguiu convencer 15 lojas a abrir os seus espaços a instalações artísticas com materiais das lojas.



As ruas sinuosas do centro de Visu serão transformadas em galerias dos novos jardins gigantes para receber o evento durante uma semana. A organização espera ultrapassar os 30 mil visitantes este ano.



Fotografia de Paulo Duarte

Uma semana de arte, cultura e debates

ENTRE 22 E 28 DE JULHO, o centro de Visu está nas mãos dos artistas (e não só). Entre as várias exposições permanentes, destacam-se as instalações da Rua Direita, que contará com a instalação "Casa" de Romulus Neagu e João Dias. Há fotografia, pintura, e vídeos de áudio e vídeo por toda a cidade. Além disso, habitantes e lojas terão oportunidade de mostrar os seus jardins, em que trabalharão nas últimas semanas, aos vizinhos e visitantes que se deslocarão à cidade. Há "Música ao final da tarde", todos os dias e um mercado de produtos de terra de 26 a 28 de julho. Quem estiver em Visu nessa altura pode ainda usar as coxilhas comunitárias, das 17 às 23 horas na praça D. Duarte. E cozinhar os seus próprios alimentos, bem como partilhar com o resto das pessoas que lá forem.

Por toda a cidade há jardins, hortas e instalações verdes para contrastar com o casco histórico da cidade. A organização não esquece o debate. No sábado, 27 de julho, a conferência "Jogos e territórios da cidade", vai debater política e cidadania, numa altura em que se aproximam as eleições autárquicas.

Com o objetivo de dar destas questões com várias personalidades da cidade, de todos os quadrantes. As ações anteriores já conseguiram trazer milhares de pessoas a Visu e a organização está optimista para este ano. Conta com a ajuda de hotéis e restaurantes da cidade, por exemplo, com hotéis da cidade para esta semana. "Uma coisa muito importante foi articular com os hotéis alguns preços especiais para estas datas. Os hotéis e restaurantes estão todos a fazer preços e pratos especiais para dissimular e ter uma oferta competitiva durante esta semana", explica a empreiteira. O orçamento, de 70 mil euros, é apertado e tem sido valor pago há muito bo bo. Não nos dá dinheiro, mas não nos preços inacreditáveis", ressalva. W



Em cima: o bailarino romeno, Romulus Neagu, está a ajudar a transformar uma loja abandonada num espaço para uma performance. Em baixo: as ruas sinuosas do centro de Visu são transformadas em galerias dos novos jardins gigantes para receber o evento durante uma semana.

Entrevista

"Queremos devolver o centro às pessoas"

Os "Jardins Elémoros" propõem-se a trazer visitantes para o centro da cidade e trazer famílias e turistas ao coração de Visu.

A mentora dos Jardins Elémoros, Sandra Oliveira, nunca teve a pretensão para trabalho social do género do Banco Alimentar. Mas depois de trabalhar vários anos numa galeria de arte em Visu, quis fazer algo pela sua cidade. O resultado foram 150 toneladas de plantas e 30 mil visitantes.

Como é que ocorreu organizar os "Jardins Elémoros"? Estamos numa cidade do interior que tem um hardware fantástico que, como eu costumo dizer, não corre um software adequado. O que nós achamos? Que há um espaço para outro tipo de atividades, culturais e artísticas e também, através desses perfis artísticos e artísticos. Ou seja, nós percebemos que o centro está desertificado, como em todas as cidades do país. E vimos que há um declínio dos residentes, das pessoas a viver no centro da cidade. Resolvevamos fazer um conjunto de atividades que promovessem esse convívio social e desenvolvesse o centro da cidade familiar. Nesse sentido, pensei que era muito engraçado trabalhar no centro da cidade, numa praça histórica que é a praça D. Duarte e colocar lá 150 toneladas de plantas. Criamos um cenário de floresta. Um contraste entre o verde das plantas e da floresta com o edifício e o casco histórico.

E agora vão levar este projecto para a Rua Direita? É a mesma coisa. Identificamos na primeira edição aqui na praça D. Duarte que havia pouca essa vivência. É um local desconhecido, que vive muito à noite, dos bares. Há uma vivência de família. E a Rua Direita é uma zona esquecida da cidade também, e do centro da cidade.

Qual é o maior desafio?

São os espaços. Os jardins, a mentalidade, a forma como trabalham há anos e anos. Estamos a falar de uma idade média de 60 ou 70 anos. Ainda que muitas vezes que as coisas não sejam as mesmas porque são práticas que não conhecemos. Tudo o que se desconhece é sempre difícil. O curioso é que primeiro estranha-se e depois entra-se.

Como é que financiou este projecto?

A primeira coisa que nos ajudou com o financiamento da Associação de Desenvolvimento do Região Dão-Lafões. Porque nós vamos ter uma peça de promoção do desenvolvimento, um mercado de produtos da terra, especificamente da tradição à ruralidade e contemporaneidade. Com um orçamento de 70 a 80 mil euros.

Como é que vão atrair pessoas?

No ano passado, passaram 30 mil. Em seis dias. Temos um site, Facebook, comunicação. Tentamos atrair com o Turismo do Centro e outra coisa muito importante é articular com os hotéis para fazer preços especiais para estas datas. E restaurantes que estão todos a fazer preços e pratos especiais para dissimular e ter uma oferta competitiva durante esta semana. Pensamos que, não temos estimativas mas calculamos que vão ser 30 mil.

Como é que se mantém isto?

Sou a líder! Fazendo de interiores e trabalho muito ao nível de recepção artística de uma galeria de arte em Visu. Em dois dias fazer trabalho comunitário, tipo Banco Alimentar, não tenho perfil. E acho que posso fazer alguma coisa no centro da cidade.

Prémios Exportação & Internacionalização

Nem a Starbucks fez Joana aceitar um emprego com “salário enorme”

A arquitecta tem um “atelier” onde faz peças únicas, mas que também produz “IShells”, auscultadores para “ouvir o mar”

ALEXANDRA NORONHA
@noronha@negocios.pt

Joana Astolfi não é arquitecta. Nem artista. Nem designer. Nem empresária. E tudo ao mesmo tempo, e ainda consegue ter vida própria. E dá um exemplo do seu trabalho, que começou a ser conhecido num estúdio: Joana que explorou durante um ano no Bairro Alto, em Lisboa: “Um secador transformado num candeeiro, por exemplo. Era difícil perceber a sua arquitectura, designer ou artista. E eu tentava explicar que a minha direcção era esse cruzamento”.

Desde essa altura, muita coisa mudou. “Nos últimos três anos é que se tem dado o ‘boom’. Foram os melhores da minha vida e são precisamente os três anos da crise em que está toda a gente a ir embora, em que ninguém tem trabalho e eu não tenho parado”. Foi nesta altura que criou os “IShells”, uns auscultadores de búzios que servem para ouvir o mar. E que são vendidos para a Bélgica, Brasil, Canadá, Inglaterra, Itália, Espanha, entre outros países, para criar ambiente em restaurantes e SPAs.

E tudo produzido no atelier de Astolfi, no Cais do Sodré, ali por que a “arquitecta-artista” é crítica nos seus projectos que aceita e não que está ligada a nenhuma grande empresa. “A Starbucks convidou-me para ser ‘concept designer’ das lojas na América Latina”, explica. O contrato era bilhete, “Fui para São Paulo, onde ficaria sedediada, e estive duas semanas em reuniões”, no fim, com tudo quase fechado, eu disse que não ia aceitar. Um salário enorme e acções. E ia estar em todo o lado. Mas depois São Paulo. O meu nome ia estar associado à empresa e não era isso que eu queria”. Enão desistiu.

O trabalho já dá pelo menos para ter um colaborador quase a

tempo inteiro, mas funciona com uma rede de fornecedores. “Tem passado pela minha vida colaboradores pontuais, mas com quem trabalho sempre, como um fotógrafo, um designer, uma costureira. Tenho uma pessoa em Aveiro uma senhora que faz as miniaturas e que é maravilhosa. E um pintor em marcenaria. Tivemos umas dez pessoas”, realça. O objectivo é reduzir ao máximo os custos fixos do atelier.

Nos últimos tempos, a internacionalização tem ocupado a empresária que já fez duas exposições na Irlanda. E isso acabou por levar Joana Astolfi para outros voos. “Voltei da Irlanda com dois projectos: um armazém para transformar em casa, mas tudo revocado com peças mínimas. E um restaurante em Nova Iorque”, disse. Alémdois, “estava com ‘chef libandés’. E convidou-me para fazer uma exposição em Janeiro ou Fevereiro do ano que vem no restaurante dele em Beirute, que é um espaço híbrido”, entre galeria de arte e restaurante, realçou Joana Astolfi.



Joana Astolfi | A arquitecta trabalha a partir do seu atelier no Cais do Sodré.

PERGUNTAS A

● **JOANA ASTOLFI**
ARQUITECTA, ARTISTA E ‘DESIGNER’

“Hoje em dia um artista tem que ser um homem de negócios”

O sector da arquitectura tem estado em crises nos últimos anos, mas o seu trabalho destaca-se...

Eu trabalho para um nicho. Sou sempre abordada por quem tem poder financeiro. O meu negócio não é para as massas. Digo a muita gente que está a achar o curso “nóvio para arquitectura”. É um risco enorme. Somos mais de 20 mil e 30 mil. Se quierem estar todo o dia em frente ao computador a ser um escravo a ganhar 200 euros... Mais vale fazer coisas que é mais giro!

O seu atelier também não sofre com a crise?

Quando os artistas não há talento. E vender. Tem que se saber vender. Não é com as cunhas. E naqueles momentos em que aparece uma hipótese de uma ligação que pode ser forte. É mandar um email quando

dever ser. Hoje em dia, um artista tem que ser um homem de negócios. Não se pode ficar fechado no atelier. Tem que se fazer a rede, convidar pessoas para o atelier. Os artistas não vivem de “coma”. Está muito difícil em Portugal, mas é nestes momentos em que acredito que as coisas gerais aparecem. Tem que haver um conceito importante. Mas com mínimos custos. Sempre.

O lançamento dos “IShells” [auscultadores de búzios] marcou uma nova fase para o atelier?

Houve uma altura em que eu achava que podia viver com os “IShells”. São produzidos cá em série, como os carimbos “handmade with love”. E já tenho outra peça na minha colecção. O “handmade” e o exclusivo significa que cada pessoa pode ter uma peça única. Isso é muito mais especial. Nunca quis fazer nada ligado à produção em massa. Eu sou um bocadinho como o Santini. Sempre de olho em tudo. As peças são produzidas no atelier. Não por mim, mas controlado.

IDEIAS-CHAVE

A “ARQUITECTA-ARTISTA” JOANA ASTOLFI TRABALHA COM UMA REDE DE FORNECEDORES

1 INÍCIO FOI EM INGLATERRA E ITÁLIA

Joana Astolfi estudou arquitectura em Inglaterra, mas começou a pensar que a direcção que queria tomar era também em design de interiores, na instalação de arte, de peças, reabilitação de

espaços e coisas. Depois foi para o centro criativo da Benetton e esteve dois anos a viver em Veneza com 70 criativos de todo o mundo. Estava no departamento de design de objectos e coordenava colecções.

2 PRIMEIRO ESPAÇO NO BAIRRO ALTO

A empresária abriu o primeiro espaço no Bairro Alto, um atelier e uma loja ao mesmo tempo, onde começou a mostrar o seu trabalho a quem passava.

3 NOVO ESPAÇO NO CAIS DO SODRÉ

Com o “boom” dos últimos três anos a arquitecta acabou por se mudar para o Cais do Sodré. Faz peças e redimensiona espaços, ao mesmo tempo que continua com a arquitectura.

4 INTERNACIONALIZAÇÃO

Os “IShells” venderam-se na Bélgica, Brasil, Canadá, Inglaterra, Itália, Espanha. Além disso, foi à Irlanda já por duas vezes com exposições (e vendeu as peças) e tem ainda um armazém para transformar em casa com tudo reciclado (na Irlanda) e um restaurante em Nova Iorque. Vai também fazer uma instalação em restaurantes de um “chef” libandés em Beirute. Esteve em Anglia a fazer uma cenografia para uma peça.



negocios.pt

saiba mais



Prémios

internacionalização

Veja os negócios de trabalho sobre as empresas portuguesas exportadoras.